

# CID FRANCO CANDIDATO DAS ESQUERDAS DE S. PAULO

## Programa Eleitoral

(PÁGINA CENTRAL)

## Perfil do Candidato

(PÁGINA CENTRAL)

## A Questão Agrária

(PÁGINA 2)

## Fundação da Liga

## Camponesa de S. Paulo

(PÁGINA 2)

## Intromissão da «Orit»

(PÁGINA CENTRAL)

## Uma Tese Falida

(PÁGINA CENTRAL)

## Almino Afonso e o P S B

(PÁGINA 7)



# FOLHA SOCIALISTA

Editado pela Comissão Executiva Regional de São Paulo do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO — Redação: Pça. Carlos Gomes, 109 — Tels.: 33-9784 e 36-7825 — Dir. Resp.: Antonio C. Corrêa — Cr\$ 15,00

ANO XIII

MAIO DE 1962

NÚMERO 135

O "OVO TEM NELE O SEU CANDIDATO: O ÚNICO QUE NÃO GARANTIRÁ O CONTINUISMO DO DOMÍNIO DOS BANQUEIROS, DOS FAZENDEIROS, DOS USINEIROS, DOS TUBARÕES DO COMÉRCIO AÇAMBARCADOR; DOS DONOS DO CÂMBIO NEGRO DO FEIJÃO, DO ARROZ, DO AÇÚCAR, DA FARINHA DE TRIGO; O ÚNICO QUE É VERDADEIRAMENTE CONTRÁRIO AOS TRUSTES, AOS MONOPÓLIOS, AO IMPERIALISMO, AO CAPITALISMO; O ÚNICO, DENTRE TODOS, QUE NÃO É BANQUEIRO, FAZENDEIRO, USINEIRO, MARCHANTE, NEM FUJÃO. O ÚNICO QUE TEM UM PROGRAMA PARA O POVO, PORQUE É UM PROGRAMA SOCIALISTA, QUE DÁ SOLUÇÕES POPULARES, DEMOCRÁTICAS, REVOLUCIONÁRIAS.

## Por Soluções Revolucionárias

- Monopólio do poder estatal nos serviços públicos; desapropriação pelo custo histórico.
- Reforma agrária radical; permanência na terra garantida aos posseiros.
- Aumento de tributos sobre rendimentos elevados; gêneros de 1.ª necessidade isentos de tributação.
- Assistência médico-hospitalar e dentária gratuita para toda a

- população.
- Toda a verba do Estado destinada à Educação para a Escola Pública; extinção do analfabetismo e reforma de todos os cursos.
- Respeito às liberdades públicas; extinção imediata do DOPS.
- Reforma urbana: possibilitar aos inquilinos a aquisição das moradias que ocupam; extinção da especulação imobiliária.

(Leia o PROGRAMA MÍNIMO do candidato socialista CID FRANCO, nas pági nas internas).

# Fundação e Instalação da Liga Camponesa de São Paulo

No dia 25 de março, foi fundada a Liga Camponesa do Estado de São Paulo, com a presença de considerável número de camponeses de várias regiões do Estado e de pessoas da capital e do interior, ligadas ao movimento das Ligas. Estava presente, também, o deputado estadual Cid Franco.

João Chakian, elaborador dos estatutos da Liga Camponesa em esses estatutos, mostrando que a Liga é uma sociedade civil de caráter privado e que não fará discriminação de cor, credo político, religioso ou filosófico, entre seus membros. Foi ressaltado assim, que a Liga não se filia a qualquer partido político nem pode exercer função político-partidária. A Liga tem jurisdição estadual, constituindo-se os núcleos camponeses em delegacias a ela filiadas.

Camponeses de diversas regiões do Estado, com a palavra, descreveram os principais problemas com que se defrontam os homens do campo, em suas respectivas localidades e salientaram a importância das Ligas Camponesas, lideradas pelo deputado Francisco Julião,

no trabalho de união dos camponeses de todo o Brasil.

Falou, ainda, o deputado Cid Franco, expondo que a Reforma Agrária terá de partir da unidade dos camponeses pobres, os quais não devem ter ilusões com os governos e os legislativos, constituídos principalmente por latifundiários e por milionários do asfalto. Provou, com dados, a ineficiência e a mistificação da Revisão Agrária do atual governo do Estado.

Passando-se à eleição, foi escolhida a Diretoria da Liga, constituída exclusivamente de camponeses, e tendo por presidente o Sr. José Cumpre. Elegeu-se também o Conselho Deliberativo, composto de 13 membros: Cid Franco, Delamare Machado da Silva, Francisco de Assis Leite, João Chakian, João dos Santos, Sá, José Gre-

gori, José Viegas, Luis Carlos Roque da Silva, Luis Cristo, Plínio Pimenta, Roberto Gonçalves de Sousa, Rubens de Magalhães e José Cumpre.

A instalação da Liga se fez no Sindicato dos Metalúrgicos, no dia 13 de março, às 16 horas. Foram distribuídos volantes, alusivos a essa reunião, havendo também faixas, com a inscrição Reforma ou Resolução, uma das palavras de ordem que se celebrizaram no Congresso Nacional dos Camponeses de Belo Horizonte. Além dos camponeses presentes, compareceu um grande número de operários e líderes sindicais, estudantes, intelectuais e profissionais liberais.

Na mesa, presidida pelo engenheiro Manoel Cary-lheiro, achava-se o sr. Lindolfo Silva, presidente da ULTAB, o deputado Francisco Julião, Cid Franco, Jethero de Faria Cardoso, Luciano Lepera e Rocha Mendes Filho, os diretores estaduais e os membros do Conselho Deliberativo da Liga

além de vários líderes sindicais.

Falaram inicialmente os Srs. Delamare Machado e José Gregori. O ator Luiz Vergueiro representou Vinícios de Moraes, lendo um poema deste grande poeta brasileiro, dedicado aos camponeses e à sua luta contra os barões da terra: "A nossa guerra não falha".

Usou da palavra o Sr. Lindolfo Silva, relatando os trabalhos desenvolvidos pela ULTAB no movimento camponês. Os deputados Jethero de Faria Cardoso e Cid Franco, em suas intervenções, destacaram o caráter reacionário do Governo Carvalho Pinto, ligado ao imperialismo e ao latifúndio, havendo Cid Franco desmascarado a Revisão Agrária do Governador, através de uma comunicação a ele fornecida pelo secretário da Agricultura, Sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, declarando que em 5 meses, a Revisão Agrária atenderá apenas a 187 pessoas e que esta mesma Revisão "não

cogitava de lavradores pobres".

O povo, que lotou totalmente a sala do Sindicato dos Metalúrgicos, aplaudiu todos os oradores. Todavia, foi o deputado Francisco Julião que produziu maior vibração entre os presentes, tendo sido sua oração interrompida frequentemente pelos aplausos do plenário. Mostrou Julião que as Ligas Camponesas são hoje reconhecidas nacional e internacionalmente como o poderoso organismo de união dos camponeses pobres do Brasil. Iniciadas no Nordeste, estenderam-se elas por todo o país, abrangendo, atualmente, dezesseis Estados. Discorreu sobre a miséria do nosso camponês sobre as enormes diferenças econômicas da nossa sociedade, sobre a necessidade da aliança indissolúvel operário-estudantil. Resaltou a luta dos agitadores sociais, no bom sentido, como o foram Cristo, Espartacus, Lenin, Fidel Castro, Lampeiro, Antonio Silvino, Felipe dos Santos, Tiradentes, etc.

## A Luta dos Camponeses no Brasil

III

A economia "pré-capitalista" ou "colonial", que plasma a nossa tradicional estrutura agrária, é identificada erroneamente com o sistema feudal, que vigorou na Europa durante a Idade Média, na medida em que no sistema feudal apenas uma parcela mínima da produção se destinava à troca, ao passo que na economia colonial (que subsiste, mesmo depois que o país deixou de ser colônia, até nossos dias) a parte "principal" da produção se destina ao mercado. Principal não porque fosse a maior parte, mas porque era a produção que conduzia o empreendimento e condicionava sua vida. Uma fazenda de café podia produzir leite e queijo, frutas e cereais; se o café não dava bem, ela tinha que ser abandonada. A cultura comercial é a cultura "nobre"; as restantes, meios de produzir a primeira. A cultura comercial dá ao mais-produto extraído do trabalho camponês a possibilidade de se transformar em equivalente geral, em dinheiro, dando à riqueza do seu dono o caráter móvel de "capital".

Mas, a estrutura agrária colonial tem por berço a economia de exportação; a cultura comercializada se destina ao mercado externo, quase exclusivamente. Foi o caso do açúcar; é o do cacau e do café. No mercado mundial a concorrência se faz muito mais entre países do que entre produtores individuais. Cada país procura aumentar ao máximo sua exportação e consequentemente protege a produção destinada ao mercado externo. Subvenciona-a diretamente ou lhe garante preços mínimos. Isto é ainda feito com maior vigor em países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, em que toda economia depende da exportação.

O desenvolvimento pelo qual o Brasil vem passando, significa, para a agricultura, a substituição do mercado externo pelo interno, como destino de sua produção comercializada. A industrialização — forma pela qual se dá o desenvolvimento — amplia os mercados urbanos, que passam a solicitar alimentos à agricultura. As indústrias em expansão (a da fiação e tecelagem, p. ex.), ne-

cessitam quantidades crescentes de matérias primas vegetais. A agricultura é obrigada a fornecê-las. Em medida cada vez maior a importação passa a ser, não mais de bens consumidos pela população do campo, mas de produtos destinados à indústria nacional e esta passa a produzir o que antes era importado. De que maneira pode a agricultura abastecer-se de produtos manufaturados? Passando a oferecer seus produtos no mercado interno.

Esta transformação, acarretada pelo desenvolvimento, pela qual passa a agricultura brasileira, é muito mais profunda que a mudança geográfica do escoadouro de sua produção.

O mercado interno de produtos agrícolas é concorrencial; nele a agricultura como um todo não pode ser protegida, pois o seria em detrimento da indústria, cujo peso específico no processo de desenvolvimento é muito maior que o da agricultura. A velha estrutura agrária precisa se adaptar a uma nova situação. Antigamente apenas um produto — o café, o cacau ou o açúcar — era mercadoria. As culturas restantes eram base de subsistência para a produção daquele. Agora, porém, qualquer produto é potencialmente mercadoria, isto é, pode ser vendido no mercado interno. Até a mandioca e o milho, culturas de pouca importância, destinadas ao sustento do trabalhador agrícola, passam a ser produzidos comercialmente, encontram preço, isto é, há gente disposta a pagar por eles, do bom e do sonante. Até há pouco, o sustento do trabalhador era considerado quase gratuito pelo patrão: plantando seu próprio alimento ou criando algumas peças, em qualquer pedaço de chão impróprio para o cultivo do produto-rei, o caboclo quase nada "custava" ao fazendeiro. Agora as coisas mudam de aspecto. Qualquer encosta onde dá milho pode produzir "renda". O feijão plantado entre os pés de café também. O mesmo se dá com a mandioca, e com as demais culturas de subsistência.

Por outro lado, o mercado interno é mais instável. Uma boa colheita de um produto faz baixar seu preço e isto pode significar a ruína para

muitos. Se o produto escasseia, o preço sobe, proporcionando pingues lucros, que podem agora ser invertidos na indústria. A riqueza não se conta agora apenas por léguas de terra, mas em propriedade móvel, em "capital". Quem se adapta à nova situação, fica fazendeiro-industrial e bilionário; quem não se adapta, vira quatrocentão arruinado e funcionário público. Tudo isto vai revolucionar o sistema de exploração do camponês, e fazer explodir a velha estrutura colonial da agricultura. O parceiro será expulso da terra e substituído pelo arrendatário capitalista, que transforma as lavouras em pastagens e emprega assalariados. O colono receberá cada vez menos terra para seu próprio sustento, devendo comprar as coisas, com seu mínguaço salário, no armazém. Os contratos de parceria — onde subsistem — se fazem cada vez mais estritos: o parceiro não pode mais plantar entre os pés de café, tem que seguir à risca o plano de produção do proprietário. A máquina substitui o braço humano, criando o desemprego rural, até o ponto em que os salários estão tão aviltados em que é mais barato empregar uma família de "volantes" que uma ceifeira. Acima de tudo, o trabalhador agrícola perde a estabilidade na fazenda e os laços que o prendem à terra: ele é reduzido a uma máquina produtora de mais valia. Neste momento a opressão do sistema antigo se soma à do novo sistema de exploração: o trabalhador agrícola é reduzido à mesma condição do operário industrial, sem mesmo ter os míseros direitos que a legislação trabalhista assegura a este, sem ter um sindicato que o defenda, sem ter a independência política e social que lhe permita fazer valer seus direitos. E neste ponto, ele se revolta.

O processo que descrevemos já se encontra razoavelmente adiantado em todo país. Ele é responsável pelo que nossa imprensa "respeitável" chama de "inquietação social no campo". O camponês reage à perda dos seus direitos adquiridos (embora não registrados em lei) e à redução do seu já baixo nível de vida, reivin-

### REFORMA AGRÁRIA OU REVOLUÇÃO



Esta é a reprodução do cartaz anunciando a fundação da Liga Camponesa de São Paulo, que foi apreendido pela polícia. Ele expressa a palavra de ordem do movimento camponês: "Reforma agrária na lei ou na marra". Ou o Governo e o Congresso, sob pressão das massas exasperadas, mudam radicalmente o sistema atual de exploração da terra, ou os camponeses farão a mudança pelas próprias mãos.

dicando a posse da terra. Nisto se encontra o caráter revolucionário do movimento camponês, tal qual ele se apresenta em nosso país. O operário, quando vai à greve por aumento de salário, reclama uma redistribuição do produto social; mas ele não afeta com isso, o sistema de relações de produção: salários maiores são sempre salários. O sistema de exploração — embora talvez atenuado — persiste. O camponês não tem meios de atenuar a exploração. Ou ele continua na terra ou se deixa expulsar. Se continua, contra a vontade do latifundiário, tem que se

tornar dono dela. Se se deixa expulsar, torna-se um pária social. Não há escapatória. Mas ao lutar pela terra, toca o camponês no sistema de relações de produção. Ele não reivindica, como o operário, apenas melhor remuneração pelo seu trabalho, mas a posse dos meios de produção. Daí este acontecimento de inegável alcance histórico: a camada social mais espezinhada, mais explorada, mais submissa, transforma-se subitamente, na vanguarda da luta pela mudança do sistema social.

PAUL SINGER

# EDITORIAL

OS SOCIALISTAS E AS ELEIÇÕES DE OUTUBRO

Os socialistas de São Paulo, reunidos em Convenção Regional a 7 de Abril, apontaram aos trabalhadores e ao povo de São Paulo o nome de Cid Franco para o cargo de governador. Cid Franco é um homem de esquerda, inteiramente desvinculado de grupos econômicos nacionais e estrangeiros, com uma larga folha de serviços na luta contra o imperialismo e o latifúndio. Cid Franco incarna hoje, mais do que ninguém, a idéia socialista, a luta autêntica, sem compromissos e sem vacilações, pela reforma agrária radical e pela libertação do nosso povo da exploração imperialista e capitalista. Cid Franco é a alternativa que os socialistas apresentam ao povo de São Paulo em face dos candidatos já apresentados ou que ainda o serão, todos eles comprometidos com a atual estrutura econômica, política e social que não oferece saída para a atual crise. Cid Franco é uma candidatura de classe. Representa aos interesses da classe operária, do campesinato e da classe média que se opõem frontalmente aos interesses da burguesia, dos latifundiários, banqueiros e industriais, inteiramente comprometidos com os trusts imperialistas. Cid Franco é o candidato da reforma agrária contra o latifúndio. Cid é o candidato do nacionalismo consequente contra o imperialismo. Cid é o candidato do socialismo contra o capitalismo. Cid é o candidato das aspirações revolucionárias do povo brasileiro. Cid é o candidato da esquerda que se mobiliza contra a reação.

A candidatura Cid Franco não é uma candidatura simbólica ou simples protesto. Não é a expressão de um esquerdismo verbal ou de simples repulsa aos outros candidatos, todos eles escudados no poder econômico. A candidatura Cid Franco, é, ao contrário, o resultado de uma tomada de consciência dos setores mais esclarecidos da esquerda brasileira e o ponto de partida para uma orientação independente das forças motrizes da revolução brasileira. Significa a ruptura com a falsa concepção de que setores significativos da burguesia nacional estão em condições de formar ao lado do proletariado, do campesinato e da classe média em uma luta consequente por reformas radicais de base. Ao contrário, a burguesia industrial nascente escolheu o caminho do compromisso com o latifúndio e o imperialismo e se tornou incapaz de assumir o papel de força motriz da revolução brasileira. A luta anti-imperialista e pela reforma agrária está hoje indissolvemente ligada à luta contra o capitalismo e as forças motrizes desta luta são os camponeses que ocupam as terras, os operários que fazem greves e os estudantes e intelectuais independentes que com eles fazem causa comum. Cid Franco é o candidato de todos eles.

A candidatura Cid Franco não se destina a criar ilusões sobre a possibilidade de realizar a revolução brasileira, isto é, a transformação radical da estrutura econômica, política e social do país unicamente por via eleitoral. A experiência recente das eleições na Argentina mostra uma vez mais que as classes dominantes e o imperialismo só respeitam o resultado das urnas quando lhes é favorável. Caso contrário, não trepidam em anular os pleitos, violar a constituição e recorrer a medidas de exceção. Mas a campanha eleitoral e o livre jogo das instituições democráticas permitem a arregimentação das massas, o esclarecimento do povo, a elevação do nível político de operários e camponeses e a sólida organização das forças motrizes da revolução. Prepara assim o caminho para uma resistência legítima e eficaz contra todas as tentativas golpistas da reação inconformada com resultados contrários aos seus interesses. As vitórias eleitorais locais permitem também, através de governos desligados dos interesses das classes dominantes, instituir um tipo de administração independente, cujas vantagens não escapam à argúcia das massas.

A candidatura Cid Franco não dispõe, como é óbvio, de recursos financeiros. Não existem possibilidades para uma larga campanha através do rádio, televisão, imprensa e comícios imponentes. A sua sorte está ligada à mobilização espontânea do povo. Cada operário, cada camponês, cada estudante e cada intelectual honesto deverá transformar-se em propagandista da candidatura Cid. A soma destes pequenos esforços será suficiente para tornar vitoriosa a 7 de outubro próximo a candidatura de CID FRANCO.

Febus Gikovate

COLABORE  
NA CAMPANHA  
ELEITORAL DO  
**P.S.B.**  
ADQUIRINDO  
"Bonus"  
Pró Candidatura  
Cid Franco

MAIO DE 1962

# JANIO TAMBEM E' CONTINUISMO

Arrancar o governo do Estado às forças conservadoras agrupadas em torno de José Bonifácio, derrotar o esquema situacionista de Carvalho Pinto é sem dúvida um objetivo fundamental para as forças de esquerda.

No processo de luta contra a situação apresentam-se mais importantes a questão de Janio e do Janismo, por um lado, e a posição independente por outro.

## JANIO E A BURGUESIA

Jango com uma política direitista e pró-imperialista conseguiu ganhar a confiança dos setores mais reacionários das classes dominantes e perdeu o resto de confiança que os trabalhadores nele mantinham.

A falta de confiança das amplas massas por si só não faz cair governos. Mas se adicionar uma crise econômica profunda, a coisa muda de figura; surge crise social, crise política e o abismo que faz tremer a burguesia.

A tendência é de agravamento progressivo da situação econômica em todos seus aspectos e com todas suas consequências sociais: carestia, greve, movimentos de massa.

Um setor minoritário e clarividente da burguesia (não necessariamente de esquerda, pois inclui o próprio Lacerda) não aposta em Jango. Percebe que o atual governo não tem a menor possibilidade de enfrentar com êxito uma crise política ou social séria que abra portas à intervenção popular. Daí encarar realisticamente a necessidade de um governo autoritário e ao mesmo tempo reformista, para evitar a catástrofe. Um governo que dê uma ilusão de legalidade mas que ao mesmo tempo envie serenamente tanques contra estudantes em greve (como em Recife), e que tome também algumas medidas "moralizantes" e avançadas.

O único homem da burguesia apto a tal missão era Janio.

O retorno era uma necessidade das classes dominantes no seu conjunto, embora só um setor restrito destas o aceitasse.

Este setor monta a máquina de propaganda, sustenta os programas de televisão e os cabos eleitorais. Compreensivo, permite ao candidato e aos oportunistas que o cercam esbaldar-se no "palvreado" esquerdizante que lhes garante base da massa.

A outra parte, majoritária, que se achega a Carvalho Pinto e Jango ainda não admite Janio como necessário à sobrevivência do regime. Esta posição se exprime pelo apoio a José Bonifácio.

A este setor (e isto é muito importante) Janio procura conquistar, de duas maneiras:

1) Admitindo-se como único homem capaz de governar o país, nos termos do regime capitalista.

2) Mostrando que afinal, não é o Janio imprudente de antes. É este o sentido de suas profissões de fé anticomunistas (e que na verdade dirigem-se contra o movimento operário, camponês e estudantil, contra a agitação de massas promovida pelas esquerdas).

Os "excessos que qualquer mortal pode cometer" (Bauru) e que foram cometidos durante os meses que governou a República são autocritica a certas atitudes "exageradas" como condecorar Guevara. Da arena da televisão (necessariamente esquerdizante) Janio tem marchado lenta mas ininterruptamente para a direita. Não menciona mais Cuba, não fala em reforma agrária. Sua luta anti-imperialista limita-se a "aparar as garras" a um nebuloso poder econômico". Nem ao Carvalho Pinto, sumo sacer-

dote do poder econômico em São Paulo, tem feito Janio ultimamente alusão. Janio o poupa, o governador é um filho pródigo a ser reconquistado.

## O CONTINUISMO E JANIO

O que representa o "continuismo" de José Bonifácio? É a continuação de uma conduta política administrativa planificada, inaugurada por Janio e seguida por Carvalho Pinto.

O continuismo é uma fórmula política igual a paternidade -|- autoridade -|- repressão ao movimento de massas -|- planificação capitalista de um orçamento gigantesco (Plano de Ação). O continuismo nutre-se de Janio e quem ler nas calçadas e muros JQ-CP-JB comprova-o claramente. O continuismo não é porém fruto de JQ ou CP ou JB, e sim das necessidades da grande burguesia, dos latifundiários, da bancocracia paulista.

Com Carvalho Pinto esta política era clara. Tão clara e tão odiada que José Bonifácio é eleitoralmente muito fraco nas classes populares, no funcionalismo e principalmente na classe operária. Sua candidatura esteia-se na pequena burguesia moralizante e nas clientelas do interior corrompidas por meio do Plano de Ação.

Com Janio, porém, a fórmula adiciona-se o ingrediente populismo que faltava para torná-la mais suportável pelo povo. Janio não pretendeu ampliar a fórmula no âmbito estadual unicamente. Nem é isto que lhe interessa. Nos meses que governou a Nação tentou aplicar os termos da equação em âmbito federal, e tentará novamente se puder.

Janio é, enfim, o burguês progressista que perfila-se diante da burguesia paulista, a mais válida representante da burguesia brasileira. Parece falar às massas, mas na verdade dirige-se à burguesia: aqui estou eu, e seria continuista melhor que José Bonifácio. Com mais habilidade junto às massas, mais tolerado, mais manhoso, e mais autoritário. "Vocês hoje me afastam, me temem. Mas vocês vão precisar de mim ainda. E me encontrarão a postos, fazendo exigências sim, porque posso, fazê-las, mas mais fiel ao regime e a vocês do que vocês mesmo".

## A ESQUERDA E JANIO

A capitulação de qualquer partido, grupo ou indivíduo de vanguarda diante do Janismo, representa um retrocesso político para os trabalhadores e o povo, e mostra um desconhecimento do papel desempenhado por Janio até hoje.

Janio como vereador e deputado era homem de esquerda e muito mais que hoje parece ser. Porém, quando prefeito aliou-se a toda sorte de picaretas e oportunistas que lhe apareceram pela frente e aliou-se aos partidos de direita. Quando governador esta aliança com a direita tornou-se mais sólida e foi dos governos mais reacionários de São Paulo. No entanto, o movimento popular que fez Janio Quadros vencer a fortíssima coligação partidária em torno de Cardoso, o José Bonifácio da época, fora o mais espontâneo que já houve em São Paulo. Subindo ao governo a primeira coisa que faz Janio?

Aliar-se solidamente à UDN e ao PSD. É verdade que hoje a relação de forças mudou muito a favor da esquerda. Mas por isto mesmo é que a burguesia, ao reconciliar-se com Janio, necessária e desesperadamente, que este traga os compromissos assumidos com as massas. E sabemos que Janio o fará. Será que a história vai reeditar-se agora?

Dentro de breves meses mais do que nunca estará a burguesia necessitada de uma "esperança" para o povo, de qualquer Janio que consiga retardar e desviar as massas do caminho da revolução nacional e social do Brasil. A função da esquerda não é colaborar com isto, mas sim lutar dia e noite contra esta "esperança".

O Janismo não é ideologia política. Não é fruto de um processo econômico social como o Getulismo. O Janismo é absolutamente episódico na vida do povo brasileiro. O Janismo é igual à mistificação.

Janio pretende ser a última cartada da burguesia brasileira. Por isto é tão importante não capitular, mas, pelo contrário, desmascarar o Janismo e mostrar que Janismo e Continuísmo são duas faces da mesma moeda.

## JANIO E O POVO

O prestígio de Janio é bem menor hoje. O processo de decadência política que começou a roê-lo com a renúncia prossegue e prosseguirá nos próximos meses. Janio sofre um desgaste cada vez que abre a boca. Perde o prestígio popular quando desembarcou, falou e nada explicou; quando proporcionou um espetáculo de mistificação na televisão e não deu os nomes das forças ocultas. Perdeu em Bauru, quando fez uma profissão de fé anti-comunista e anti-soviética. Continuará perdendo nos próximos meses e quando a carestia da vida, as greves, as lutas pelas encampações, as invasões de terra aos golpes violentos da reação responder com seu palvreado de líder erístico, com sua auto-promoção a única salvação do país.

Hoje setores cada vez mais amplos de trabalhadores e da classe média exigem, consciente ou inconscientemente, um programa radical de soluções revolucionárias e não ficam esperando que os governos o executem: foram os operários de Cubatão que queriam encampar as petroquímicas e não o governo.

O colossal aumento do custo de vida, a onda de greves que logo mais se desencadeará, exigirá posições claras dos governos e candidatos. Sabemos que os líderes das classes dominantes, não entre eles, procurarão mistificar as massas, manobrar na tempestade com demagogia esquerdizante, lançando ultimatos, arrancando do surrado paleto "para comícios", Constituições de "hol-so", constituintes e reformas de base.

Os comícios de Janio são grandes? Um grande contingente do proletariado e do sub-proletariado ainda acredita em Janio? É verdade, não temos motivos para negar. A esquerda porém, não irá a reboque do impressionismo Janista. Vamos disputar o voto e a confiança dos trabalhadores ao mistificador. Vamos desmascará-lo. Vamos mostrar que Janio e continuismo são uma só coisa. Para tanto, o programa do candidato da esquerda, Cid Franco, é absolutamente revolucionário, claro e honesto.

(Conclui na 2ª página)

FOLHA SOCIALISTA

PÁGINA 3

# Perfil do Candidato das Esquerdas Programa Mínimo do Candidato Socialista Cid Franco ao Governo do Estado

CID FRANCO, candidato socialista a governador de S. Paulo, escritor, radialista, jornalista, advogado, não é banqueiro, não é mineiro não é capitalista não é latifundiário mas um homem de 58 anos que vem lutando, desde a mocidade, pela transformação da sociedade capitalista em sociedade socialista.

Sua correção, sua honestidade e seu idealismo têm sido reconhecidos até por aqueles que não contungam com suas idéias. Ainda recentemente escrevia "O Estado de S. Paulo" sobre a agressão traiçoeira e brutal de que foi vítima o nosso candidato: "Esses lamentáveis incidentes e a agressão de que foi vítima ontem de manhã um dos deputados que no Palácio Nove de Julho mais se tem distinguido chegou o Legislativo ("O pela inspiração moral que orienta a sua inextinguível atividade naquela casa dão-nos a imagem da situação a que Estado de S. Paulo", .... 6-1-1962).

Fista por excelência, cristão que corrompe a política e de alto gabarito, democrata e da desintegração alarmante que roe, inexorável, o legislativo bandeirante" ("Última Hora", 8-1-1962).



Luiz Martins escreveu no "Estado" sobre Cid Franco: "É uma voz incômoda para muita gente, reconhecida-se. E, por estar sempre na lida, desassombrou e incorruptível, tornou-se um nome "mareado" para certos vendilhões do Templo (é força de expressão: a Assembleia Legislativa não é um templo, eu bem o sei; mas deveria ser, da Lei, da Justiça e do Povo), que conspueam o voto popular e comprometem o sistema representativo em nossa terra" ("O Estado de S. Paulo", 7-1-1962).

De Arapua, em "Última Hora": "A um homem de tamanho de Cid, não há hora suficiente grande, não há tação suficientemente alto que o esmague. Porque o que vibra nele é a dignidade. E esta não há punho boçal que a consiga atingir. Um homem como Cid fica. E botas, essas, romem-nas os ratos". ("Última Hora").

O mesmo Arapua, que tão bem expressa o sentimento popular, escreveu sobre a candidatura de Cid Franco a governador: "Pela convenção do PSB, Cid Franco foi escolhido como candidato ao Governo de S. Paulo. Finalmente, aquele eleitor que buseou sempre entre os candidatos uma expressão de humildade com que se identificar acaba de ter seu prêmio: Cid candidato. Tempos novos para o eleitor paulista". ("Última Hora", .... 10-4-1962).

De Maurício Loureiro Gama, no "Correio Paulistano" de 28 de maio de 1958: "Nesta antevéspera de eleições, quando mais de mil candidatos se lançam, vorazmente, à conquista de votos (e muitos à compra de votos), o eleitorado consciente, o eleitorado lucido, o eleitorado que deseja dar autenticidade à democracia, e fazê-la progredir, esse eleitorado não deve hesitar um segundo no dia do pleito. Tem o dever de votar em Cid Franco. Não que ele precise da Assembleia como um investimento na praça política. Ao contrário, a Assembleia é que precisa de homem como Cid Franco" ("Correio Paulistano", ... 28-5-58).

A "Folha da Manhã" de 3 de maio de 1958 afirmou: "O sr. Cid Franco não é apenas um homem public de conduta ilibada. Ele é um dos mais laboriosos parlamentares paulistas".

De Pedro Leite (Mário Mazzei Guimarães), na "Folha da Manhã" de 15-6-58: "Cid, o solitário, Cid aponta a linha reta: só saio de PSB para ficar fora da política. Neste país de contradições partidárias é preciso que alguém fique teso e solitário".

Ainda de Mário Mazzei Guimarães, na "Folha da Manhã" de 8-7-1958: "E

teríamos Cid no governo, afinal um homem a quem se aperta a mão com prazer e de cujos sinceros propósitos progressistas não se pode duvidar".

Do Boletim da Sociedade Brasileira de Genética, volume III, ns. 1 e 2, janeiro-junho de 1961: "A lei n.º 6.039, segundo expressões do Presidente da Sociedade Brasileira de Genética, Dr. N. Freire-Maia, que deputado Cid Franco, é um pouso de cada físico e biólogo que, nos últimos anos, lutou direta ou indiretamente por ela, criando as condições para que tal projeto pudesse ser apresentado, aprovado e sancionado. Essa lei é, porém, um autêntico reflexo do idealismo da capacidade de luta e do espírito avançado do ilustre deputado que é o seu autor".

Da revista "Anhembi", dirigida por Paulo Duarte, n.º 113, volume XXXVIII, de abril de 1960: "Em S. Paulo, as águas dividiram-se definitivamente na Assembleia: o excurso político de um lado e um fiozinho de água clara e limpa de outro mas um fiozinho quase imperceptível vigiava por uma sentinela solitária, o deputado Cid Franco".

Muitas outras opiniões sobre o socialista Cid Franco poderiam ser aqui transcritas, o que julgamos desnecessário.

TRABALHO PARAMENTAR

Quanto a proposições que o deputado Cid Franco tem apresentado em defesa do povo na Assembleia de S. Paulo, podemos mencionar: — projeto declarando de utilidade pública os bens da Light, para posterior desapropriação pelo custo histórico, em 1956, paralisado pelos deputados conservadores;

— projeto transformado em lei, solenemente, em 1953, dando preferência de matrícula aos estudantes pobres, nos estabelecimentos oficiais de ensino, lei não cumprida pelos governos conservadores;

— projeto, também transformado em lei, em 1953, contra a poluição dos rios águas correntes e dormentes, lei também não cumprida pelos governos mais ligados aos usineiros do que ao povo;

— projeto, também transformado em lei, no atual governo, contra o perigo dos Raios X e substâncias radioativas, trabalho que obteve elogios de grandes cientistas brasileiros e estrangeiros, mas que também não sabemos se será cumprida pelos governos conservadores, pois é medida que fere os interesses de instituições particulares que fazem dos Raios X um comércio;

— projeto, transformado em lei, sobre aquisição de pequenas propriedades por assalariados, mecêiros, parceiros, médicos-veterinários, em genheiros-agrônomo, que a governo Janio Quadros e o atual não cumpriram, por que sempre estiveram ligados aos grandes proprietários de terras e não aos camponeses.

Cid Franco considera essa sua lei não cumprida e depois incorporada, com algumas modificações, à "Revisão Agrária", uma lei polêmica, de desmascaramento da burguesia, dos latifundiários, tão bem representados pelos sucessivos governos que tem havido em S. Paulo e em todo o país.

DESMASCARAMENTO DA "REVISÃO AGRÁRIA"

Tendo endereçado requerimento ao atual Governo do Estado, indagando quantos assalariados, parceiros, mecêiros etc. (camponeses pobres), foram contemplados pela Lei de Revisão Agrária Cid Franco recebeu resposta do Poder Executivo em que se lê que "a Lei não cogita de lavradores pobres", preocupando mais o critério de seleção de preferência os mais habilitados; mesmo a exigência do pagamento à vista de entrada, antes de tomar posse do lote, indica a preocupação de se atender de preferência aqueles que, em seu trabalho como empregados, demonstraram capacidade de produzir e economizar certo pecúlio".

É o que diz a resposta do Secretário José Bonifácio! Mas então os "assalariados", "parceiros", "mecêiros", termos que se encontram na lei, não são gente pobre? Como é que a lei "não cogita de lavradores pobres"?

E existe mais, segundo provas documentadas com a que o milhão de trabalhadores mesma resposta que Cid Franco recebeu e exibiu dentro e fora da Assembleia.

A resposta do sr. José Bonifácio informou que existe em S. Paulo um milhão de trabalhadores rurais sem terra e que nos cinco meses de vigência da lei foram atendidas 187 pessoas (pois aquele critério de "economizar certo pecúlio".

Ora, em dezembro do ano passado, a situação era essa de 187 atendidos, portanto mais de cinco meses. Mas, se o ritmo fosse esse mesmo (de cinco em cinco meses atendidos em 187 pessoas), para res rurais tivesse terra, seriam necessários MAIS DE DOIS MIL ANOS.

Depois do desmascaramento que produziu da tribuna da Assembleia, Cid Franco recebeu a visita de um representante da Secretaria da Agricultura, o qual lhe informou que o ritmo poderia ser apressado e que eles lá na Secretaria, também fizeram as contas. Apressado o ritmo, o número de anos não seria de DOIS MIL. Seria de TREZE ANOS...

Por isso é que Cid Franco, como todos os socialistas, não acredita nesse reformismo agrário dos conservadores. O que eles que rem é adormecer a consciência dos trabalhadores de campo. Mas não adianta. Os camponeses estão abrindo os olhos. (Conclui na 7.ª página).

estudantes, dos intelectuais honestos, da pequena burguesia pobre, participando de suas lutas. Lutando para aplicar na prática, no dia a dia dos próximos meses o programa eleitoral, não condicionando a luta pelas soluções revolucionárias à posse do poder, teremos evidenciado às amplas massas que só uma modificação completa, um governo e uma luta revolucionária poderão arrancá-las à exploração e à miséria.

Submetendo ao julgamento do povo de São Paulo o programa mínimo do seu candidato ao Governo do Estado, o companheiro Cid Franco, o Diretor Regional do Partido Socialista Brasileiro deseja, antes do mais, esclarecer que não cumpre esse dever democrático com o espírito e as intenções dos partidos burgueses. Nada temos de comum com aqueles que, apenas desafiando manter o que aí está, não se vêm tolhidos pelas limitações de um sistema que defendem e admiram. Nós não aceitamos o sistema: condenamo-lo e lutamos pela sua substituição. Mas ele existe. Por isso mesmo não estamos em condições de expor um programa de governo adequado a uma sociedade socialista. São Paulo, como o Brasil, vive sob regime capitalista e não podemos esquecer essa realidade ao dirigirmos ao povo. E o adversário e não nós que estabelece as regras do jogo. As soluções por nós propostas, embora decorrentes e revolucionárias, devem ser tomadas não somente como ilusões transitórias. Nosso objetivo primeiro é a liquidação do capitalismo e a exploração do homem que lhe é inseparável. Nosso programa, portanto, não se esgota em si mesmo. Para a sua efetivação, é imprescindível que o povo trabalhador se reúna e se organize, não para a campanha eleitoral, como também para a luta por todas as reivindicações aqui discriminadas, em grupos ou comitês de bairro, de local de trabalho e de centros de atividades sociais, conferindo-lhes assim a força necessária para se tornarem realidades. Nessas condições, se eleito pelo povo, CID FRANCO, apoiado por este mesmo povo e pelos representantes autênticos do povo no Legislativo, assumirá o Executivo, a fim de que São Paulo seja governado de acordo com o seguinte programa mínimo:

1 — Monopólio do Poder Estatal nos serviços públicos afetivos ao Estado, tais como: de energia elétrica, telefones, transportes municipais, etc. Advogar junto do Governo Federal e do Congresso a adoção de medidas tendentes a assegurar a desapropriação da Light, da Bond & Share e da Cia. Decas de Santos pelo custo histórico e mediante indenização em títulos da dívida pública. Plano estadual de eletrificação e distribuição de energia, visando garantir o desenvolvimento de todas as regiões do Estado e a eletrificação rural. Plano de abastecimento do gás de petróleo aos centros urbanos do Estado em conjunto com a Petrobrás.

2 — Levantamento imediato do cadastro territorial do Estado para combate aos grileiros. Garantia aos possesores da permanência nas terras por eles ocupadas e medidas que favoreçam uma reforma agrária radical, em âmbito estadual, para liquidar o monopólio particular privado da produção de gêneros agrícolas e efetivar o princípio: a terra queques que a lavram. Com esse objetivo, fazer com que a CAGESP (Companhia de Armazens Gerais do Estado) compre a produção do agricultor a preços compensadores e a revenda ao consumidor eliminando os intermediários. Proteção fiscal e do crédito oficial às cooperativas de produtores que assegurem o abastecimento alimentar das cidades. Construção pelo Estado dos entrepostos de gêneros, verduras, frutas e peixes próximos às grandes cidades para a venda direta ao consumidor com controle sindical, contribuindo desta forma para a baixa do custo de vida. Combate aos acambradores.

3 — Participação dos empregados na direção e nos lucros das empresas dirigidas pelo Estado, tais como a Vasp, a Uselpa, a Cagesp, a Celusa, o Banco do Estado, etc.

4 — Política tributária que faça recair a maior parte da carga fiscal sobre as camadas de rendimentos mais elevados e favoreça o desenvolvimento das atividades básicas de interesse fundamental para a economia do País. Isenção do imposto sobre vendas e consignações aos gêneros de primeira necessidade e de consumo popular e elevação do mesmo tributo sobre artigos de luxo. Elevação de 35 para 50% da reversão ao município do excesso de arrecadação do Estado, tornando assim efetiva a autonomia municipal. Proteção fiscal ao artesanato e aos produtores individuais.

5 — Utilização do crédito oficial do Banco do Estado unicamente para cooperativas agrícolas e industriais e pequenos produtores. Proibição de empréstimos do Banco do Estado e outros institutos estaduais de crédito a firmas estrangeiras ou controladas por capitais estrangeiros.

6 — Organização pelo Estado de uma sociedade de economia mista destinada à fabricação de equipamentos básicos para o desenvolvimento e reparação da indústria paulista e empreendimentos pioneiros industriais e agrícolas. Criação de sociedade de economia mista para instalação de rede estadual de frigoríficos e laticínios, de modo a assegurar o abastecimento de carne, leite, peixes e gorduras aos centros urbanos e a preços módicos, sem sacrifício dos produtores. Expropriação dos frigoríficos estrangeiros.

7 — Plano estadual de saúde pública visando à ampliação da assistência médico-hospitalar e dentária gratuitas abrangendo toda a população urbana e rural. Aproveitamento dos laboratórios do Instituto Butantã e congêneres para fabricação de produtos farmacêuticos de uso popular e seu fornecimento a baixo preço à população. Incentivo à pesquisa científica nesses laboratórios a fim de liberar a indústria farmacêutica nacional da exploração imperialista.

8 — Ampliação e aperfeiçoamento da rede de escolas públicas, destinando-lhes a totalidade da verba do Estado para educação. Aumento do número de vagas no ensino superior e concessão de bolsas de estudo a estudantes pobres. Rigoroso cumprimento da Lei Cid Franco que estabelece preferência de matrícula de estudantes pobres nos estabelecimentos oficiais de ensino. Reforma universitária com participação dos estudantes na direção dos institutos da Universidade de São Paulo. Vencimento condigno para os professores, sem subtração de aulas. Constituição de fundos para financiamento de material escolar para estudantes pobres. Plano de erradicação do analfabetismo do Estado no próximo quadriênio. Amparo e incentivo ao esporte amador e à educação física.

9 — Criação da Secretaria de Serviço Social capaz de enfrentar os problemas da infância e velhice abandonadas, da mendicância, do alcoolismo, do migrante interno, da prostituição, da delinqüência juvenil e outras chagas do sistema capitalista.

10 — Respeito às liberdades públicas. Imediata extinção do Dops. Punição dos responsáveis aos movimentos operários, camponeses e estudantis e cancelamento de todos os inquéritos e processos contra trabalhadores grevistas. Garantia às atividades das associações de classe, sindicatos e Ligas Camponesas; Justiça rápida e barata. Assistência jurídica gratuita às pessoas pobres. Oficialização de todos os cartórios.

11 — Reforma urbana, possibilitando aos inquilinos, através de financiamento a longo prazo, a aquisição das moradias que ocupam. Medidas radicais contra a especulação imobiliária, tais como: construção de conjuntos residenciais para trabalhadores, loteamentos etc.

12 — Apoio às iniciativas de âmbito federal e municipal tendentes à eliminação do domínio imperialista e dos grandes grupos econômicos nacionais.

13 — Política de participação progressiva dos trabalhadores na vida social e cultural do Estado. Completa eliminação das barreiras de classe, casta e grupos, bem como dos preconceitos sociais, raciais, culturais e religiosos.

14 — Toda propaganda feita em torno da chamada "Aliança para o Progresso" não consegue esconder a crescente e abusiva manobra de interceção do embaixador dos Estados Unidos na vida de nossa Nação. Mister Lincoln Gordon é hoje, no Brasil, o primeiro conselheiro do governo federal e negocia livremente com governadores estaduais, prefeitos, altos funcionários etc.

15 — Quem atenta contra a independência econômica e política do Brasil não são os nossos sindicatos, dos agentes do imperialismo "agentes mercenários de Moscou e Pequim" e sim os AGENTES MERCENÁRIOS DOS ESTADOS UNIDOS.

## UMA TESE FALIDA

As forças políticas de esquerda tem sido, nestes quinze últimos anos, penetradas por uma "teoria" utilizada para justificar "posições táticas", com os resultados mais desastrosos: a chamada "teoria da burguesia progressista". Esta "teoria", na realidade nada tem em comum com qualquer ideologia revolucionária. É um simples pretexto para justificar acordos eleitorais de cunho oportunista, atendendo a interesses imediatos e estreitos de determinados grupos políticos atuentes nas esquerdas, longe do interesse das massas trabalhadoras. A formulação teórica utilizada é mais ou menos esta: o inimigo principal é o imperialismo, sobretudo o imperialismo norte-americano, que comanda a reação mundial contra as nações socialistas, e as conquistas do proletariado mundial. Cumpre, portanto, mobilizar o máximo de forças políticas e sociais possíveis contra esse inimigo principal.

Ha setores importantes da burguesia nacional que são levados a lutar contra o imperialismo, pelas próprias contradições de um país economicamente atrasado, em sua fase de desenvolvimento industrial. Conseqüentemente, é possível estabelecer "frentes-únicas" amplas contra o imperialismo, englobando proletariado, camponado e parte da burguesia nacional, chamada "progressista". A luta é "nacional" e não "social", a fase é a da "revolução democrática-burguesa" onde a burguesia nacional exibe um papel positivo e não a da "revolução socialista" dirigida contra as classes capitalistas e latifundiárias em geral.

Como exemplos, para justificar tais argumentos aponta-se: a rebelião argelina, em forma de "frente nacional" englobando a burguesia, contra o imperialismo. As lutas de libertação nacional nos demais países submetidos ao jugo imperialista. As conquistas "nacionalistas" no Brasil, tais como as da Petrobrás, Volta Redonda, Eletrobrás, algumas expropriações de empresas imperialistas etc.

O resultado prático da aplicação dessa "teoria" tem sido o seguinte: os conflitos econômicos inevitáveis em toda a sociedade dividida em classes não tem encontrado, nas organizações políticas de esquerda (pelo menos naquelas que tem alguma expressão) o seu desaguardo natural. Estes conflitos, na falta de expressão adequada através das organizações políticas de esquerda, são utilizados demagogicamente por aventureiros políticos ambiciosos de poder. As organizações de esquerda, com suas formulações que apelam a "todas as classes da Nação" contra o imperialismo, distanciam-se das formulações mais sentidas pelas massas trabalhadoras e camponesas e deixam-nas à mercê dos demagogos e aventureiros alimentados pelas forças reacionárias. A pretexto de dividir a burguesia entre "reacionária" (a que colabora com o imperialismo) e "progressista" (a que combate o imperialismo), esquecem-se as contradições internas, que são aquelas que atingem mais duramente as massas populares, seguem-se a reboque de qualquer ajustamento eleitoral expressando este ou aquele grupo das classes dominantes. E' o P. C. B. apoiando Ademair ou Juscelino, e o P. S. B. apoiando Juarez, Janio ou Carvalho Pinto. Com isso, as forças de esquerda são colhido derrotas e desmoralizações.

A verdade, que hoje surge bastante clara, sobretudo depois do grande exemplo da revolução cubana, é de que a burguesia não tem mais papel "progressista" no Brasil, como em qualquer país economicamente atrasado em fase de desenvolvimento. A revolução "nacional" confundiu-se com a revolução "social". Não é possível separar a luta contra o imperialismo da luta contra o sistema capitalista. O imperialismo, na realidade, é uma forma mais avançada de capitalismo, quando este transpõe as próprias fronteiras nacionais.

Nos países onde o imperialismo atua ele se alia à "burguesia nacional" e aos proprietários de terras, sustenta-lhes o domínio de classe que é indispensável ao próprio domínio dele, imperialismo, organiza a sua "frente" contra os avanços do proletariado e do camponado. Tudo isso se mostrou claramente na revolução cubana que, tendo por objetivo, inicialmente, apenas a liquidação do imperialismo, foi levada pelo próprio processo revolucionário a liquidar o sistema capitalista, de tal forma um e outro estavam entrelaçados. Na fase atual, sobre-

tudo, quando há uma evidente mobilização de todas as classes capitalistas, em escala internacional, para defesa de suas posições ameaçadas, falar em contradições entre "burguesia nacional" e imperialismo é fechar os olhos à realidade ou, então, realizar conscientemente um trabalho de mistificação das massas populares.

O desenvolvimento industrial de qualquer país que se encontra atrasado na corrida histórica pela conquista da técnica e da emancipação nacional, exige a superação da estrutura capitalista das sociedades e de todos os entraves inerentes a essa estrutura. E' a planificação econômica em escala nacional e a estatização ou controle estatal em todos os setores fundamentais da economia. E isto aparece, aos olhos da burguesia, como a perda do seu domínio sobre os meios de produção. E entre a perda do seu domínio, de classe, sobre a sociedade, e a conservação no domínio, embora limitado em aliança com o imperialismo é evidente que a burguesia prefere este último caminho.

Eis porque a burguesia não representa mais força "nacionalista" conseqüente. Expressões legítimas da burguesia brasileira são um lafer, portando-se como empregado do imperialismo em Costa Rica, um Leopoldo Figueiredo, com seu "IPES" formado pela fina flor da plutocracia brasileira para enupir o povo com a propaganda da "Aliança para o Progresso", o ministro Moreira Sales, que em sido "homem de confiança" nos vários governos burgueses que se tem sucedido, precisamente devido às suas ligações com Washington. Até o nosso prezado Jango Goulart, por cuja posse as esquerdas, em agosto último, se dispuseram a pegar em armas, quando a reação tentou golpear-lhe agora parece que se tornou expressão fiel da burguesia nacional (que anda exultante com a sua nova aquisição) e aderiu à química imperialista da "Aliança para o Progresso" para acabar com os males do Brasil.

A luta contra o imperialismo, na realidade, hoje repousa sobre as camadas sociais que se opõem naturalmente ao capitalismo: o proletariado, o camponado, a classe média, que tem suas possibilidades de expansão cortadas. Destas camadas é que saem as forças chamadas "nacionalistas". Elas é que estão em condições de dar expressão "nacional" ao Brasil, isto é, torná-lo nação autenticamente soberana, libertá-lo dos entraves que o sistema capitalista em aliança com o imperialismo impõe ao seu desenvolvimento.

Os sentimentos nacionalistas e patrióticos das massas populares, naturais em qualquer coletividade unida por laços étnicos, históricos e linguísticos, tendem fatalmente a encontrar suas formulações políticas adequadas em um programa socialista, de reformas estruturais da sociedade brasileira, em oposição às classes dominantes atuais. Mesmo nos países submetidos ao sistema colonial direto, que é a forma mais odiosa de domínio imperialista, e onde, por conseqüente, se podem mobilizar até elementos saídos da burguesia para a "luta nacional", são sempre os homens de esquerda os que tem posições socialistas claras, os que comandam essa luta e lhe dão a base principal. Assim é a luta da F. L. N. da Argélia, a luta na Angola, nas demais nações africanas e na Ásia.

Já é tempo, portanto, que se abandone, de uma vez por todas, a "teoria" da chamada "burguesia progressista", que só tem servido para desmoralizar e enfraquecer as esquerdas. Estas, com a experiência das derrotas sofridas nos últimos anos, devem apresentar-se, perante as massas, no seu verdadeiro papel, sem camuflagens nem manobras mistificadoras: as forças que, na medida em que conseguirem impor as reformas de caráter socialista de que o Brasil necessita, para romper os entraves ao seu desenvolvimento, estarão realizando, simultaneamente, a revolução de libertação nacional destinada a dar à nação brasileira expressão adequada à sua importância geográfica e demográfica, e, ao mesmo tempo, a revolução social, destinada a dar ao povo brasileiro condições de libertar-se da pobreza da doença, da insegurança, da inequidade e demais males sociais que hoje o esmagam.

Antonio Costa Corrêa

# A CHINA POPULAR VISTA POR BRASILEIRA

ROBERTO DE PAULA LEITE

Óbvio, uma obra de arte, qualquer que seja, vive em função ou por causa de sua participação em uma determinada forma histórica. A sra. Helena Silveira (1), por exemplo, partiu da experiência, do desenvolvimento, a fim de criar novas formas estéticas da processualística da cronica, isto é, da estética do cotidiano, para alcançar efeitos e sugestões bastante plausíveis.

Em "Os Dias Chineses", a autora reúne crônicas que publicou na imprensa paulistana a propósito do que viu e viveu na China por ensejo de sua visita àquele país. Constitui depoimento sobre aquela engrenagem. A coleção de crônicas, realmente, fornece ao leitor honesto e equilibrado, visão sintética, lucida, da China continental. O que dá um cunho de autenticidade ao seu labor é justamente a sua capacidade de dizer tudo com coragem e seriedade. Testemunho, pois, duma série de experiências que nenhum espírito sério deve ignorar nem mesnosear. É a transição dum mundo, sem dúvida, fascinante o da China contemporânea.

Cumpra, salientar de início, não se trata de relatório. Nem de continuas reportagens. A presença da escritora sente-se a cada passo. Sob esse prisma é, talvez, uma das tentativas estéticas mais felizes da autora. Poetisa em prosa, o colorido de sua linguagem, a vivacidade de seu estilo, fornecem ao leitor uma sensação de realização artística. Os dias chineses foram: "... uma espécie de hiato asiático nesta vida brasileira bem delineada e especificada, desde a larga infância em pomares fazendeiros com sucos de laranja e voos de abelhas, até o dia da imprensa, em S. Paulo, neste canto para o leitor da cronica um modo de dentro e de fora, um sestro que dura para lá vão dezessete anos". (ob. cit. p. 3). A aristocrata nostálgica não iria ver a China com olhos revolucionários, mas, sim, burgueses: "Viajei com minha pele burguesa e minhas deformações burguesas. Atávés deles e, para criaturas como eu burguesas, desejo contar os dias chinses do jeito em que os vivi, com toda a minha afetividade vibrando". Creio estar bastante clara a posição da A. Dessa forma, quase lucida, HS. não procurou pesquisar mais a fundo, nem teve tempo para isso, a grande verdade chinesa. E amou seus arrozais, rios e serras, a gente heróica e mística, os bufalos, ruelas, arte, vegetação, etc. Justa a conclusão, sob esse ângulo: "A China contemporânea é um longo, um inextinguível pasmo. E dentro desse pasmo eu me abismei. Fui levada na corrente de uma febre que arrasta de roldão homens que se ultrapassam para escrever a página mais espantosa da história da humanidade". (id. ib. ps. 4-5). As páginas, verdadeiramente, antológicas, proporcionam ao leitor esperança dele estar vivendo, andando, através dos painéis narrados. Desde o instante em que a cronista relata ter viajado, por ar, treze horas, desesperadamente, com o líder argelino Ferhat Abbas, até o retrato curioso feito dos dois intérpretes, Lee e Wang; a fé e o

entusiasmo que cidadão comum possui por seus homens públicos; o orgulho de suas realizações; até a convicção que tem o homem simples da rua, convencido que está da eficiência e o acerto do regime; são bem transmitidas em deliciosas notas de viagem, escritas, realmente, por uma escritora autêntica. De fato, a A. sabe que não se pode escrever um estudo sério a propósito de países vistos ou visitados rapidamente: "Parecem-me profundamente desonestos os viajantes que depois de um passeio turístico ao redor do mundo, pretendem fixar as "realidades" dos países e dos povos avistados, julgando que encontraram as palavras mágicas, definidoras de psicologias coletivas e, situações históricas". (ib. ib. p. 35).

Por outro lado, seguindo as coordenadas desse esquema pré-estabelecido, a A. não dissentiu problemas referentes à filosofia da história, isto é, saber se amanhã a revolução irá corromper-se "o momento heróico" não demorará, etc. O que conta, é o momento atual, no qual, as classes sociais foram anuladas, com homens públicos levando uma vida dura de trabalho, ministros de aparência monástica a dirigir o titã. Sem apelar para Toynbee ou Spengler, HS. não visa debater o futuro desenvolvimento do processo, apenas, fixando a pureza, o encanto, a modéstia, os ideais que no momento norteiam os chineses sob a batuta de Mao, país notável em que a propriedade privada e a estatal se fundem, pois lá, existem proprietários de casa de aluguel e pequenos capitalistas explorando um comércio modesto. A cronista brasileira viu e anotou tudo. Desde a campanha de saneamento por meio da qual, desapareceram, praticamente, gatos e cachorros como portadores de germes, deixando assim, o povo aquela tradição de sujeira irremovível, combatendo incessantemente baratas, ratos e toda série de acridios; até a ex-corrompida Changai, onde havia uma profícuta por 130 habitantes, esta das mais elevadas do mundo... até ao desaparecimento do instituto chamado: o puxador de requixá. Lógico que o pensamento e as palavras dum Gaston Bouthoul, (2), não encontram, hoje, mais validade nem eco: "... il n'existe pas pour la Chine de statistiques sérieuses, mais l'on est d'accord pour estimer que la vie y est en general tres breve. Les conditions d'hygiène et surtout l'extrême pauvreté due à la surpopulation et à l'inorganisation de cet immense pays, produit d'énormes hécatombes". (ob. cit. p. 220). Não cabe aqui, nem há espaço suficiente para isso, debater conceitos, coisas, reflexões oferecidas pela XX leitura desse esplêndido livro de viagens, fatos e objetos narrados através de pena ciclomítica, ágil, extrovertida de Helena Silveira.

(1) — Helena Silveira — "Os Chineses" — Edart-1961 135 ps. — Capa de Nilo Marques —

(2) — Gaston Bouthoul — "Traité de Sociologie" — Payot-Paris 1946-544 pgs. Ref. p. 220 — Capt. — Les Structures Démographiques —

## Chão e Pão

O CAMPONES NÃO TEM TERRA?

E TAMBÉM LHE FALTA O PÃO?

TERÁ PÃO DEPOIS DA GUERRA

EM DEFESA DO SEU PÃO

O CAMPONES TERÁ TERRA

COM LEIS E DECRETOS? NÃO!

TERÁ CHÃO COM SUA GUERRA

EM DEFESA DO SEU PÃO.

QUEM É QUE É DONO DA TERRA?

O BARÃO, O TUBARÃO.

E DEPOIS DA NOSSA GUERRA

PELO CHÃO E PELO PÃO?

AH! DEPOIS DA SANTA GUERRA

PELO PÃO E PELO CHÃO.

O CAMPONES TERÁ TERRA,

O CAMPONES TERÁ PÃO.

LIBERTADOS PÃO E TERRA,

NO FIM DESTAS HORAS MAS,

VITORIOSA A SUA GUERRA,

O CAMPONES TERÁ PAZ.

## Canção do Estropiado

CID FRANCO  
CANÇÃO DO ESTROPIADO  
EDGARD BRAGA

SOLDADO QUE VAIS A GUERRA

PISANDO FIRME NO CHÃO

LEVAS O PEITO ENFUNADO

PISANDO FIRME NO CHÃO

A GUERRA COMO NA GUERRA

PISANDO FIRME NO CHÃO

SOLDADO QUE VENS DA GUERRA

UM PÉ CALÇADO OUTRO NÃO

TRAZES O PEITO VARADO

UM PÉ CALÇADO OUTRO NÃO

A GUERRA COMO NA GUERRA

UM PÉ CALÇADO OUTRO NÃO

A GUERRA ACABOU SOLDADO

INVÉS DO FUZIL — MULETA

A GUERRA COMO NA GUERRA

UM PÉ CALÇADO OUTRO NÃO

## Carta aos Irmãos Operários

### Companheiros:

No numero anterior deste expliquei porque é que queria escrever uma carta par os operários, meus irmãos. Eu contei que era também operário e que era filho de familia camponesa. Contei que vim para a cidade e como comecei a trabalhar na fabrica. Contei também que antes de eu me casar e antes do pai de minha mulher, o seu Moacir, me explicar o que era SOCIALISMO eu

não percebia bem qual era a verdadeira situação dos trabalhadores. Antes de eu me casar eu pensava assim: Minha vida é dura, é miseravel, mas que é que eu vou fazer? Pobre é pobre e rico é rico, sempre foi assim e sempre vai seer assim. O pobre deve de se conformar então e ir tocando a vida, porque não tem jeito de mudar.

Fui pensando desse jeito até que me casei. Foi depois de casar que fiquei conhecendo melhor o meu sogro, o seu Moacir,

e então conversando com ele é que eu fiquei sabendo que havia um movimento chamado SOCIALISMO. Seu Moacir me dizia: — Zé, você está errado pensando que sempre deve haver pobre e deve haver rico. Você acha que não tem jeito de mudar isso porque você está enganado. Esse movimento que chama SOCIALISMO prova, mas prova mesmo, na batata, que o pobre não é pobre porque as coisas devem ser assim, porque Deus quer que uns seja pobre e outros seja rico. Escuta bem o seguinte: o SOCIALISMO diz que um povo vive da riqueza que consegue produzir, quer dizer, de tudo o que o povo fabrica nas fábricas e tudo o que colhe na terra. Tá certo? Muito bem, o SOCIALISMO acha que a riqueza é mal distribuída, porque os capitalistas, os patrões ficam com muita coisa e o pouco que sobra é distribuído entre os que trabalham de verdade. Você está entendendo, Zé? Se a maior parte fica com os patrões o que sobra não dá para ser dividido entre milhões e é por isso que existe a miséria. Você entenda, Zé, que os patrões não guardam para eles só aquilo que sai da fabrica ou da fazenda, eles trocam entre eles o excesso que guardaram. Outra coisa, os ricos também não são ricos porque Deus quer, eles são ricos porque exploram os outros homens. E sabe porque que eles exploram? Porque eles dominam os meios de produção. Sabe o que é isso? Meios de produção é tudo aquilo que é capaz de produzir alguma coisa que pode ser vendida ou trocada. Meios de produção são as máquinas da fabrica, os arados, as enxadas e assim por diante, entendeu? Você pode achar que eles compram coisas e então por isso devem dominar. Mas a verdade, Zé, é que as coisas não foram sempre assim. Houve um tempo em que tudo era de todo mundo. Foi muito atrás. Naquele tempo os homens trabalhavam com instrumentos que pertenciam a todos, e o resultado do seu trabalho era dividido igualmente entre todos. Um dia um homem safado pegou os instrumentos que eram de todo o mundo e disse — Agora eles são meus, minha propriedade. Os outros quiseram se revoltar, mas não puderam fazer nada porque o homem safado tinha contratado uns homens fortes para proteger ele. Foi assim que nasceu a propriedade privada, quer dizer de um só ou de poucos, no lugar da propriedade coletiva, que é de todos. Os que ficaram sem nenhum instrumento, Zé, para poder viver tiveram que vender ou alugar a força do braço, que foi a única coisa que sobrou para eles. Desde esse tempo para cá é que existe o homem que domina os meios de produção, que é o capitalista ou o dono da fazenda, e os homens que trabalham para eles, que são os operários e os camponeses.

Quando meu sogro falou isso para mim, eu perguntei; Mas, seu Moacir, será que é possível a gente mudar essa situação? Seu Moacir me respondeu: Claro que a gente pode, Zé. Para libertar os homens que não tem nada e que trabalham para os capitalistas basta transformar todas as propriedades dos capitalistas em propriedade de todo o povo.

No proximo numero da FOLHA SOCIALISTA eu explico para vocês companheiros, como é que a gente pode pegar aquilo que é de uns poucos e dividir entre todo mundo.

Até lá um abraço do

Zé Marmita.

# Apelo em Favor do Povo Espanhol

1 — APELO AO POVO

O Encontro Internacional de Roma pela Liberdade do Povo Espanhol.

— lembra aos povos da Europa e do mundo que a dívida contraída há 25 anos para com o povo espanhol, que se sacrificou no interesse comum e retardou a marcha do fascismo, não foi ainda paga. O povo espanhol está ainda hoje privado de toda a liberdade;

— convida a opinião pública de todos os países a tomar consciência desse fato e a dar ao problema da liberdade na Espanha o lugar de primeiro plano que deve ter nas preocupações de todos;

— convida em particular os partidos, os sindicatos, todas as organizações, os intelectuais, os representantes eleitos a sustentarem cada qual em seu domínio, por meio de iniciativas concretas, o direito do povo espanhol à liberdade e a mostrar uma solidariedade eficaz com sua luta;

— pede-lhes romper, com a ajuda da imprensa e das reuniões públicas, o muro protetor de silêncio criado por poderosos interesses em torno do regime franquista;

— pede-lhes opôr a que o governo do general Franco receba a ajuda material e sustentação moral de governos não-fascistas;

— pede-lhes trabalhar para ampliar o isolamento moral do governo franquista e impedir toda nova concessão, notadamente a seu ingresso nas alianças ou em novos grupos internacionais;

— convida-os a sustentar com todos os meios materiais e morais os combatentes do Interior e as vítimas do combate pela liberdade, sem distinção de tendências ou de orientação política;

— exprime seu desejo de continuar a luta sem nenhuma discriminação e no exclusivo interesse do povo espanhol, até que tenha reconquistado a faculdade de se exprimir livremente;

## 2 — SAUDAÇÃO AO POVO ESPANHOL

Os participantes do Encontro Internacional de Roma dirigem ao povo espanhol sua saudação fraternal e fervorosa ao evocar a batalha iniciada há 25 anos pela defesa comum contra o fascismo e o nazismo e a luta prosseguida desde então no mesmo desejo de sobreviver à opressão da tirania.

Desejam que o povo espanhol, pela ação de todas as suas forças políticas e sindicais, da elite de seus cidadãos e de suas massas populares, recupere a liberdade de se exprimir e decidir de seu destino, a fim de poder trazer remédio aos males seculares do país e transformar Espanha numa ação moderna, justa e feliz.

Afirmam sua plena solidariedade aos melhores filhos do povo espanhol na sua luta e a exprimirão: 1 — por uma ação visando retirar de Franco os apoios que frui nos estados democráticos, a fim de isolá-lo e de enfraquecê-lo no seu confronto com o povo espanhol; 2 — pela ajuda às vítimas da repressão e aos prisioneiros políticos; 3 — pelo acolhimento aos refugiados políticos, pela ajuda aos jovens e notadamente pela concessão de bolsas aos estudantes exilados; 4 — pela unificação, centralização e difusão de notícias sobre a resistência espanhola e por uma campanha permanente contra a indiferença de uns e a oposição interessada de outros; 5 — por todas as outras formas concretas que sugerirem a evolução da situação interna espanhola e notadamente a nova experiência da resistência interna e a imigração política.

## 3 — PROPOSIÇÕES DE AÇÃO ULTERIOR

A assembleia do Encontro Internacional pela Liberdade do Povo Espanhol, desejosa de continuar a testemunhar concretamente sua solidariedade a todos os espanhóis que lutam para recobrar sua liberdade, encarrega o comitê italiano, organizador do Encontro, de retomar contacto nos prazos mais breves, com todas as personalidades internacionais que a título pessoal aceitaram patrocinar o Encontro a fim de procurar com elas os modos de assegurar maior coordenação e eficácia de ação pela liberdade de Espanha. Esta ação, executada em estreita ligação com as organizações espanholas, deve propor-se fundamentalmente por objeto: 1 — sustentar todas as ações que são levadas a efeito nos diferentes países para contribuir de um modo ou de outro para a liberdade do povo espanhol (ajuda às vítimas, ação sobre os governos pelo isolamento de Franco, etc.); 2 — estudar e promover todas as ações que poderão ampliar e generalizar as que já estão em curso; 3 — coordenar tanto quanto possível todas as iniciativas de modo a limitar o desperdício de forças sem entravar a iniciativa e a boa vontade; 4 — informar os grupos amigos da Espanha em todos os países, comunicar-lhes as notícias provenientes do interior da Espanha e facilitar as trocas de informações entre eles.

## Perfil do...

(Conclusão da pág. central)  
ATIVIDADE COMO ESCRITOR

Cid Franco é também escritor. É autor dos livros "A procura de Cristo", "Histórias Brasileiras para a Juventude", "Os seus mil contos", "A Bola de Luz" e outros. "A Bola de Luz" foi premiada, no ano passado, com o prêmio de Literatura Infantil da União Brasileira de Escritores, seção de S. Paulo, sendo a Comissão Julgadora composta pelos escritores Miroel Silveira, Janart Moutinho Nogueira e Thales Castanho de Andrade.

## PELAS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES

Cid Franco jamais se afastou das lutas reivindicatórias dos trabalhadores, ajudando-os nos seus movimentos grevistas.

Tem sido também um defensor da Escola Pública contra a ganância dos comerciantes do ensino.

## INICIATIVA QUE OS CONSERVADORES DESTRUIRAM

Atendendo a solicitações de estudantes pobres, Cid Franco apresentou na Assembleia de S. Paulo projeto de lei criando os Cursos de Madureza Oficiais e, portanto, gratuitos.

A Assembleia aprovou unanimemente o projeto, mas o governador Carvalho Pinto, que até hoje não se definiu pela escola pública, vetou a proposição, matando uma providência que iria beneficiar milhares de estudantes pobres em todo o Estado. Matou-a, pois os mesmos deputados que haviam aprovado o projeto aceitaram depois o veto do Governador.

Por tudo isso, e por muitos outros fatos, é que Cid Franco defende uma política socialista radical para os trabalhadores do campo e da cidade.

Os "slogans" com que os jovens apresentam a sua candidatura não poderiam ser apoiados por nenhum dos candidatos conservadores. Por exemplo:

CID CONTRA O PATRÃO.  
CID, SIM, BANQUEIRO NÃO.  
CID SIM, CAPITALISTA NÃO.  
CID SIM, LATIFUNDIO NÃO.  
E outros que irão mostrando que a sua candidatura é bem diferente das candidaturas de homens comprometidos com o poder econômico que eles dizem combater.

Mas combatem hein?

## Kótcha Popovic no Brasil



O Secretário de Estado das Relações Exteriores da República Popular Federativa da Iugoslávia, sr. Kótcha Popovitch, que se encontra atualmente entre nós, em missão de estreitamento de relações comerciais e culturais entre o Brasil e seu país, nasceu em 1908, em Belgrado, onde concluiu os estudos secundários. Em 1932 ingressou na Faculdade de Filosofia de Paris. Depois de diplomar-se, regressou a Belgrado, onde exerceu o magistério, participando do movimento progressista da Iugoslávia, motivo pelo qual foi perseguido e preso pelo regime antipopular vigente antes da guerra.

De 1937 a 1939 tomou parte na revolução espanhola. Retornou à Iugoslávia em 1939, no começo da Segunda Guerra Mundial. Durante todo o transcurso da guerra de libertação nacional da Iugoslávia, ocupou altos postos militares no Exército de Libertação. Desde a vitória das forças populares e socialistas, em 1945 até a sua nomeação, em 1955, para o cargo de Secretário de Estado das Relações Exteriores, ocupou o cargo de chefe do Estado Maior do Exército Popular da Iugoslávia, no grau de Coronel-General.

Durante a guerra, tomou parte em todos os corpos legislativos e representativos. Depois da conflagração, foi eleito deputado ao Conselho Antifascista de Libertação Nacional na Assembleia Constituinte e deputado à Assembleia Nacional Federal da Iugoslávia. Atualmente continua figurando na lista desses parlamentares.

Em janeiro de 1953 e em abril de 1958 foi eleito membro do Conselho Executivo Federal e Secretário de Estado para as Relações Exteriores. Kótcha Popovitch é, também, membro do Conselho Executivo da Aliança Socialista da Iugoslávia. Nos 5.º, 6.º e 7.º Congressos da Liga dos Comunistas da Iugoslávia foi eleito membro de seu Comitê Central.

Como Cid Franco tem sido coerente e implacável no combate ao imperialismo, principalmente ao norte-americano, que é o mais sentido em nosso Estado e em nosso país, os jovens também dizem do nosso candidato:

CID SIM, TRUSTES NÃO.  
SUA FAMÍLIA  
Filho de Arthur da Silveira Franco e de dona Rosa de Al-

meida Franco, ambos falecidos, o nosso candidato completou em janeiro deste ano vinte e nove anos de casado com a sra. Alice Rosciano Franco, tendo o casal dois filhos, Cícero Rosciano Franco e Walter Rosciano Franco.

Sua esposa é filha do sr. José Rosciano e da sra. Alice de Oliveira Rosciano, já falecida.

Por seus méritos, participou, como membro atuante, das delegações iugoslavas nas conversações políticas celebradas durante as visitas do presidente da Iugoslávia, Josip Broz Tito, à Grã Bretanha, Turquia, Grécia, Índia, Birmânia, Etiópia, França, URSS e România. Ainda como membro da Delegação Estatal, participou das conversações políticas, no país, com as delegações da Etiópia, Turquia, Birmânia, URSS, Índia, RAU, Grécia, Camboje, Indonésia, România, Viet-Nam, Mongólia, Polónia, Yêmen, Sudão, além de outras.

Na qualidade de Secretário de Estado das Relações Exteriores, Kótcha Popovitch participou dos entendimentos internacionais realizados na Iugoslávia com as delegações da Grã Bretanha, Itália, Noruega e outros países. Visitou a Austrália, Bélgica, Grécia, a Noruega, Grã Bretanha, Cuba, Afeganistão, Paquistão, Índia, RAU, Itália, Holanda e URSS.

Kótcha Popovitch presidiu as delegações iugoslavas às VIII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV Assembleias gerais das Nações Unidas, bem como das sessões extraordinárias desse organismo internacional. Foi também membro da delegação iugoslava à conferência dos chefes de Estado e Governo dos países não comprometidos, realizada em Belgrado.

## Almino Aplauda Posição do P. S. B.

Ao dar por concluídos os esforços a que comprometera no sentido de tornar possível uma união eleitoral das esquerdas em torno de um nome que aglutinasse todas as suas forças, — nessa atitude agindo em consonância com a política preconizada e exaustivamente tentada pelo Partido Socialista Brasileiro, — o deputado federal Almino Afonso, um dos nomes cogitados para aquela união, dirigiu, à nossa Comissão Executiva, a seguinte carta, que transcrevemos na íntegra:

"Brasília, 3 de Abril de 1962.  
Dr. Febus Gikovate,  
Presidente da Comissão Executiva do P.S.B.  
São Paulo  
Companheiro e amigo:

Venho, por seu intermédio, comunicar ao Partido Socialista que, não constatando, até a presente data, a aglutinação das esquerdas em face do problema sucessório paulista, entendo concluída a tarefa que me comprometera, na suposição de que, eventualmente, o meu nome poderia ser útil àquele objetivo.

A Convenção Regional do Partido Socialista está marcada para o dia 7 de Abril e, segundo me foi informado pelo companheiro, já não é possível retardar a deliberação partidária

sobre os rumos a seguir nas próximas eleições. Por outro lado, ouvindo o Professor Mário Schemberg, soube que o Partido Comunista não tem, até o momento, uma definição política sobre o problema eleitoral, não lhe parecendo, inclusive, clara e definitiva a necessidade de uma frente única de esquerda. Por igual o meu partido. O PTB, embora sua convenção haja sugerido, preferencialmente, a adoção de uma candidatura partidária, não terá uma posição fixada até do dia 7 de abril.

Acho que é meu dever, portanto, deixar o Partido Socialista livre de qualquer compromisso de analisar meu nome, sobretudo porque não entrevi nas conversações que mantive uma evolução mais promissora.

Registro, no entanto, o acerto da tese defendida pelo Partido Socialista e aplando a lucidez com que se portam os seus dirigentes diante do processo político brasileiro. A frente única das esquerdas, superando de uma vez por todas a desastrosa linha política que tem colocado o operariado a reboque da burguesia, é o caminho capaz de formar as verdadeiras vanguardas das lutas de emancipação de nosso povo. Fora daí é a tragédia; é a massa sem comando político autêntico e seguro; é o desespero das explorações sangrentas e inúteis à falta de quem canalize as forças sociais para a conquista do poder; é o pretexto para as soluções reacionárias, pela implantação de uma ditadura, tenha ela a configuração que tiver.

Agradeço a honra que tive ao ver meu nome incluído entre os que poderiam ser expressão dessa luta e saúdo a todos os socialistas de São Paulo.

Saudações Cordiais.  
a) Almino Afonso".

# Candidatura Cid Franco

## Um Mês de Campanha

A candidatura de Cid Franco foi lançada pela Convenção Regional do Partido Socialista Brasileiro, realizada em 7 de abril de 1962. No dia 10 do mesmo mês realizou-se a primeira reunião visando a estruturar as comissões incumbi-

### Apoio aos Grevistas de Cubatão

O deputado Cid Franco, candidato socialista da esquerda ao governo de S. Paulo leu, na tribuna da Assembléia Legislativa do Estado o seguinte manifesto de apoio do Partido Socialista Brasileiro aos grevistas de Cubatão:

A C. E. do Diretório Regional do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO envia aos grevistas da indústria petroquímica e a todos os trabalhadores que a eles se juntaram em manifestações de solidariedade, a sua mais entusiástica declaração de apoio e estímulo em favor do movimento que deflagraram, por melhores condições de trabalho, por imediato aumento de salários e pela encampação das indústrias do ramo pelo governo.

A luta dos trabalhadores de Cubatão justifica-se sob todos os aspectos: exigem eles que os proprietários das indústrias — quase todos, se não todos pertencentes a grupos monopolistas estrangeiros — cercuem as condições de trabalho de garantias necessárias para a defesa da saúde e da integridade física do trabalhador; exigem aumento de salários em uma indústria que rende milhões de lucros extraordinários aos trustes imperialistas enquanto o operário nacional é miseravelmente explorado; e, finalmente, lutam pela encampação da indústria pela Nação. Esta última reivindicação apresenta um aspecto de grande significação: em primeiro lugar, porque indica o único caminho certo para resolver todos os problemas dos trabalhadores e da própria indústria do ramo; em segundo lugar porque parte da iniciativa dos próprios trabalhadores, numa prova admirável de consciência dos problemas econômicos nacionais e de suas soluções.

Os trabalhadores de Cubatão, tal como os camponeses que ocupam as terras, chegaram à convicção de que a gestão direta, o controle dos trabalhadores nas empresas básicas constitui o modo natural de impedir o contínuo aviltamento do salário pela implacável sêde de lucros dos proprietários.

O Partido Socialista Brasileiro saudá, pois, os heróicos trabalhadores de Cubatão e seus companheiros de todos os sindicatos de Santos que lhe prestaram admirável manifestação de apoio concreto, com a deflagração da greve geral, demonstrando o alto nível de consciência de classe que alcançaram, na luta constante pela defesa de seus direitos e con-

das de orientar a campanha do candidato socialista em todo o Estado. Foi nessa reunião, sentada pelo companheiro Fulvio Abramo que esquematiza a orientação a ser seguida a primeira fase da campanha e indicados os componentes das diversas comissões (Organização, Finanças, Sindical, Estudantil, Propaganda, Interior, Feminina).

Entendeu-se que esta fase inicial devia ser a da divulgação da candidatura socialista. Verificou-se desde logo não ser uma tarefa simples uma vez que as colunas dos jornais de maior circulação estavam praticamente fechadas a qualquer nota enviada pela Comissão de jornais da "grande imprensa" omitiu a continuação omitindo deliberadamente no seu noticiário a candidatura Cid Franco. Alguns jornais publicaram sem destaque algum a notícia da candidatura lançada pela Convenção do P. S. B. dando amplo destaque às demais candidaturas o que é fruto de propinas e "acertos" com as "pobres" cúpulas partidárias ligadas ao poder econômico. Não obstante essa prova de desvirtuamento dos princípios que informam, ou que deviam informar, a atuação da imprensa, a quase totalidade desses órgãos de divulgação tem se lançado com "ardor" numa campanha que visa a "afastar o poder econômico das disputas eleitorais". A campanha nesse sentido conta com o apoio de todos os caciques políticos nacionais e, talvez por pilheria, com a irrestrita solidariedade dos representantes do capital financeiro paulista na Câmara Federal. Alguns jornais, como a "A GAZETA", embora tenham recebido o manifesto de lançamento da candidatura socialista declaram pateticamente em sua coluna política que "o candidato Cid Franco não se manifestou ainda, nada se sabendo quanto à evolução da sua campanha". Esta luta contra a influência do poder econômico nas eleições é ridícula nos termos em que está colo-

cala a toda a população do Estado, a todos os trabalhadores a apoiar o movimento dos petroquímicos de Cubatão

Por aumento imediato de salários;

Por melhores condições de trabalho;

Pela encampação das indústrias petroquímicas pelo estado, com controle operário em sua gestão;

Pela reforma agrária radical, único meio de aliar o movimento de redenção do homem do campo aos trabalhadores da cidade;

Contra as violências policiais do DOPS do governador Carvalho Pinto;

Contra a exploração do trabalhador nacional pelo capital estrangeiro.

PELA VITÓRIA DA GRANDE GREVE DOS TRABALHADORES DE CUBATÃO.

O D.R. do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, São Paulo.

cada por ser financiada pelo próprio poder econômico. O próprio IPES, criado especificamente para "orientar a opinião pública" e contando com recursos incalculáveis para essa tarefa de "esclarecimento" deu a público manifesto vergastando o poder econômico.

Dada a impossibilidade de atingir a opinião pública através do que devia ser o veículo natural de idéias, procuramos atingi-la por outras vias. Nesse sentido empregamos os magros recursos obtidos nesta fase inicial da campanha para a impressão de manifestos distribuídos de mão em mão por companheiros dedicados, inclusive pelo próprio candidato, em filas de ônibus e em locais de concentração popular. Entre os primeiros impressos encontram-se o "Manifesto de Lançamento de Cid Franco ao Governo do Estado" e uma denúncia da "Chamada Grande Imprensa".

Tem-se procurado chegar à opinião pública através de outras vias. Nesse sentido são feitas diariamente inscrições nos muros da cidade de São Paulo e semanalmente nas cidades do interior do Estado. Tais inscrições tem motivado as mais desencontradas opiniões dado o seu caráter radical, que atende fundamentalmente à orientação política do P. S. B. no Estado de São Paulo, desde há dois anos e alguns meses. Os mais vivos comentários foram feitos em torno da palavra de ordem "Cid contra o patrão" que serviu praticamente para lançar a campanha no seio da classe trabalhadora. Além dessas inscrições tem-se promovido palestras do candidato em bairros operários, em escolas, em associações de intelectuais e em portas de fábricas.

Os comícios eleitorais propriamente ainda não foram iniciados, tendo o candidato socialista comparecido na qualidade de deputado a comícios não eleitorais como o de 1.º DE MAIO, efetuado na cidade de São Paulo, o de lançamento dos candidatos socialistas à Câmara Municipal de Mauá, realizado nessa cidade, o de pregação da idéia de encampação por parte dos poderes públicos das companhias particulares de distribuição de energia elétrica, realizado em Jundiaí, e outros.

Espera-se dos companheiros da Capital e do Interior uma atuação constante no sentido de tornar o mais breve possível a candidatura Cid Franco definitivamente fixada no espírito popular, uma vez que para nós ela é uma candidatura de pregação, uma candidatura de luta em defesa das idéias socialistas e das reivindicações populares e, portanto, definitiva e inamovível, custe o sacrifício que custar.

Um Partido de esquerda, que se preocupe realmente com o seu programa de doutrinação, reconhece fases na vida política. Ao contrário dos Partidos sem orientação definida que funcionam como simples gravitantes exclusivamente em torno das eleições, o P. S. B. não deixará à margem o traba-

# FOLHA SOCIALISTA

ANO XIII — MAIO DE 1962 — N.º 135

## NOTAS POLITICAS

CÉDULA ÚNICA.

O P.S.D., que forma a maior bancada (ou banqueirada) no Congresso, manifestou-se formalmente contra a cédula única para as eleições proporcionais. É claro que tinha de ser assim. Se houver qualquer reforma eleitoral para melhor os magnatas, banqueiros e latifundiários que formam a maioria do Congresso perdem suas posições, perdem as possibilidades de se reelegerem a péso de ouro, como acontece agora. Resultado, não sai reforma alguma da legislação eleitoral. O regime democrático torna-se cada vez mais, uma farça. Começou errado, em 45, e errado vai apodrecendo, nas mãos de uma elite falsa e apodrecida que se instalou no poder. Apodrecendo até que...

ADEMAR NO PAREO:

O teimoso Ademar, gasto fisicamente e envelhecido politicamente, dispõe-se a entrar no páreo sucessório paulista. Coisas que acontecem neste país. Em qualquer nação de nível político mais elevado este figurão, expressão do baixo eventurismo da política burguesa, já estaria arquivado há muito tempo. Mas, aqui, encontra ambiente e oportunidades. E o pior é que Ademar recuperou-se um pouco politicamente devido a falência total dos governos "honestos", de tipo conservador, no estilo de Carvalho Pinto ou Prestes Maia. É que há por aí muita gente revoltada e impaciente, que acha melhor voar logo no pior dos candidatos, isto é, Ademar, da mesma forma que muita gente votou no rinoceronte Cacaréco há pouco tempo. Assim se esculhamba tudo de uma vez, acaba-se de apodrecer o regime, apressa-se o fim disso que aí está: Esse raciocínio simplista não deixa de ter a sua lógica.

COSTA LIMA TAMBÉM:

Agora surge um outro figurão conservador, pelas mãos dos nossos amigos do P.T.B. Simples manobra para valorizar o P.T.B., na jogada sucessória paulista, vê-se logo. Costa Lima, campineira dos imperialistas lanques, empregado do Rœwffler até pouco tempo, vazio como bôlha de sabão, não pode ser para valer. Não paga nem placê, como dizem os viciados no jogo. É lamentável que o P.T.B., que conta com alguns homens de esquerda em seus quadros e tem certa responsabilidade perante alguns setores de classe operária, faça jogada com carta tão ruim.

PODERES CONSTITUINTES AO CONGRESSO:

O sr. Jango Goulart, e o primeiro ministro Tancredo Neves andam falando insistentemente em "reformas de base". Para tanto, preconizam poderes constituintes para o Congresso que for eleito em outubro próximo. Mas isso é pura demagogia. De nada adiantará poderes constituintes a um novo Congresso constituído de grande maioria conservadora, de banqueiros, latifundiários, grandes industriais. E o Congresso que será eleito em outubro próximo, certamente terá maioria desse tipo. Basta ver em São Paulo os candidatos que já estão por aí com suas máquinas eleitorais montadas para a disputa da deputação federal, comprando cabos eleitorais, financiando candidatos a deputados estaduais. Sem uma reforma cabal do sistema eleitoral para acabar com o domínio do dinheiro nas eleições, sem estabelecer votação só por legenda partidária, o voto do analfabeto, a revogabilidade dos mandatos pelos eleitores outras medidas de saneamento, só milionários formarão a maioria do Parlamento. E com maiores desse tipo, é claro, não se poderá falar nunca em "reformas de base".

AÇUCAR E ELEIÇÕES

Por falar em magnatas disputando eleições para deputado federal, lembramos que há um tal Morganti, usineiro, dono de imensos canaviais e grandes usinas de açúcar, espalhando por aí cabos eleitorais e propaganda eleitoral. Pretende eleger-se a péso de ouro. Mas o ouro não sai do seu bolso, não. É arrancado do povo. Para isso, ele, Morganti e outros magnatas do açúcar (provavelmente também a gente da Usina "Ester", de propriedade do sr. José Bonifácio) já estão providenciando substanciais aumentos no preço do açúcar. É a farra cínica de uma plutocracia desavairada e aventureira que não trepida em afrontar a pobreza desesperadora das massas trabalhadoras e da classe média.

lho que normalmente desenvolve. Prossegue assim em sua atuação sindical, camponesa e estudantil, colaborando com as entidades correspondentes nos movimentos encetados.

Convocamos todos os homens de esquerda do Estado e todos aqueles que independentemente de orientação ideológica estejam dispostos a colaborar numa campanha que conta apenas

com o trabalho desinteressado de homens que não entendem a política como profissão para que nos auxiliem no desenvolvimento desta campanha.

Conquistemos a confiança popular e demonstremos concretamente, enão através de palavras vãs, que uma campanha popular pode ser desenvolvida sem vinculações com o mesmo derrotá-lo.

A CHAMADA "GRANDE IMPRENSA" DIÁRIA DE SÃO PAULO NÃO PUBLICA NEM OS COMUNICADOS, NEM OS MANIFESTOS, NEM O NOTICIÁRIO DA CANDIDATURA CID FRANCO.

POR QUE?

PORQUE CID ESTÁ COM O OPERÁRIO, COM O CAMPONÊS E COM A CLASSE MÉDIA, CONTRA OS TRUSTES, OS LATIFUNDIÁRIOS E OS TUBARÕES DA INDÚSTRIA E DA FINANÇA. PORQUE CID DEFENDE PARA S. PAULO SOLUÇÕES POPULARES, DEMOCRÁTICAS, REVOLUCIONÁRIAS.